

A CLAVÍCULA DE SALOMÃO (parte III)

por Fernando H. F. Sacchetto – 28/09/2011

“E então?” Djalma olhava para mim ansiosamente.

Encolhi os ombros. “Ué, então nada. Todo mundo levantou, como eu disse, e eu fui pra casa.”

“Mas e aí?” Meu colega insistia. Ele era pouco mais jovem que eu, mas o brilho em seus olhos o fazia parecer uma criança. “Os caras são sinistros mesmo? Você viu alguma coisa doida de ocultismo?”

“Pô, cara, tô dizendo, eu fui embora logo em seguida. Ainda não deu tempo de ver nada. Quem sabe amanhã... pelo que o cara falou, deve ter algum tipo de ritual, sei lá.”

“E esse negócio que você falou? Cara, como que você sabia o que era pra falar?”

Lancei um olhar para nosso amigo Alfredo. “Faça o que quiser, essa será toda a lei,” ele disse. “Aleister Crowley. É o lema da Thelema, movimento místico criado por ele. Reflete o tema central da imposição da vontade sobre a realidade, que era o que ele compreendia por magia. Pra quem conhece o tema, é praticamente a porta de entrada.”

“Exatamente,” continuei. “Pra ser sincero, eu até fiquei meio decepcionado por eles ficarem tão impressionados com uma coisinha besta dessas. Não que eu esperasse que eles fossem grandes mestres da sabedoria, claro, mas... bem, quem sabe foi só pela surpresa. Afinal, não é todo mundo que conhece essas coisas, certo? Ou que solta esse tipo de frase numa conversa normal sobre xadrez...”

“Você tá levando isso a sério mesmo, né?” Mirna, que completava nosso pequeno grupo, perguntou suavemente.

“Que nada,” disse, talvez um pouco mais forçadamente do que gostaria. “É só curiosidade mesmo. E também é bom ter um pessoal pra praticar xadrez...”

“Tá bom...” Djalma deu uma risada. “Se fosse eu, a última coisa que eu ia pensar era xadrez! Imagina se eles tão invocando mesmo alguma coisa...”

Alfredo tinha um ar grave. “Eu já expressei minhas reservas sobre esta sua empreitada... e, novamente, peço encarecidamente que reconsidere.”

“Qualé o problema?” Procurei demonstrar naturalidade. “Em primeiro lugar, eu tô convencido de que não tem nada de mais nesse pessoal. Só queria saber como é que eles ficaram sabendo da alta nas ações da Helmbrecht. Deve ter algum esquema aí. E depois, se eu perceber que a coisa tá ficando pesada... bem, é só pular fora, certo? Mal conheço esses caras.”

O olhar de Mirna ficou um pouco mais sério. “Eu é que não sei que tipo de coisa que eles podem estar armando, mas se for alguma coisa perigosa... tem certeza que você vai perceber a tempo? Que, quando você se der conta, não vai estar envolvido demais pra voltar atrás?”

“Não esquentar não!” Minha resposta foi rápida. “É só um bando de malucos. De qualquer jeito, vamos parar de enrolação que o negócio aqui é sério.” Gesticulei para a

parafernália de jogo – dados, mapas, fichas, livros – que cobria a mesa. “Tem um portal pra Baator em algum lugar da aldeia, e vocês ainda tão longe de achar a pista dele.”

“Que se dane a aldeia, esse negócio é de verdade!” Djalma estava incrédulo. “Um culto sinistro, com magia, demônios, o escambau! Na realidade! Quem se importa com o jogo? É só imaginação!”

“Eu não teria tanta certeza...” Pontuei a ambiguidade do que disse com um sorriso ardiso. “E, de qualquer jeito, não tem como avançar a aventura do clube de xadrez agora. Mas a aventura da aldeia de Gormund sim, e o tempo é valioso.”

* * *

No dia seguinte, resolvi ir mais cedo ao sebo para não atrasar e dar vexame, e acabei sendo o primeiro a chegar. Orígenes, que estava atendendo um freguês, indicou uma das cadeiras no fundo da loja, onde havíamos nos reunido da última vez. Peguei um livro a esmo (parecia ser algo sobre a psicanálise sob a ótica da alquimia medieval) e me sentei, tentando em vão me concentrar na leitura.

“Boa escolha,” ele me disse alguns minutos depois, e se dirigiu à frente da loja. O freguês já havia saído. “Um tanto quanto vago e acadêmico, com certeza, mas uma introdução válida à sublime ciência.” Ele desceu o portão de correr, e começou a preparar a porta que o atravessava. “E o elo com a psicanálise... muitos tradicionalistas podem torcer o nariz, mas eu particularmente só vejo benefícios no diálogo entre a ciência dos antigos tomos e a das universidades. Não acha?”

“Hã, acho que sim... afinal, Newton era alquimista, não? Naquela época, eles não faziam muito essa distinção.”

Ele apontou para mim, triunfante. “Exato! Muita coisa se perdeu do homem renascentista, que buscava uma visão completa do Universo. Mas parece que não preciso dizer isso para você, ah, não mesmo. Cada vez mais, compreendo as forças que o trouxeram a nosso círculo. Mas enfim!” Antes que eu tivesse tempo de ficar sem graça, ele começou a mexer em um armário. “Pelo que vejo, você não trouxe preparativos. Compreensível. Não se preocupe, creio que tenho tudo o necessário aqui... vamos, vista isso.”

Peguei a vestimenta que ele me entregou e a desdobrei. Era um manto negro, um tanto quanto áspero, com símbolos e inscrições – ALMALEC, APHIEL e ZARAPHIEL – bordados em linha dourada no peito e nas costas. Um frio correu por minha espinha. “Hum,” disse, pigarreando, “é pra tirar a roupa antes de pôr isso?”

Ele me estudou por alguns momentos, aparentando se divertir com meu desconforto. “Sim, Renato... a pureza é pré-requisito primordial para o trabalho que fazemos aqui. Se quiser, pode usar o banheiro ali nos fundos... mas eu fortemente sugiro que você se prepare para perder as inibições de nossa sociedade controladora e antinatural. Perfeito amor e perfeita confiança, é o que pregamos.”

“Perfeito amor e perfeita confiança,” repeti, sem muita convicção. Se eu bem me recordava, esse lema era de outra tradição, um bocado distante da magia de Crowley que eles pareciam praticar, mas não comentei nada. Resolvi me dirigir ao banheiro silenciosamente, e tirei tudo exceto a cueca, torcendo com todas as forças para que esse fato não viesse à tona, vestindo em seguida o manto. Ele tinha um capuz, que puxei

sobre a cabeça. “Renato, seu maluco,” sussurrei, enquanto avaliava minha aparência bizarra no pequeno espelho. “Onde que você foi se meter? Agora não dá mais pra passar o carão de sair correndo... mas, depois que essa loucura acabar e eu me mandar daqui, nunca mais piso nesse lugar!”

Quando emergi do banheiro, abrindo lentamente a porta com minha roupa dobrada embaixo do braço, o senhor mais velho que participava do grupo já havia chegado, e estava afastando as cadeiras enquanto Orígenes trocava sua roupa, vestindo um manto branco com um pentagrama elaborado e cheio de inscrições no peito, bordado em preto.

“É Renato, né?” O homem (Oscar, conforme ele me lembraria mais tarde) apresentava um sorriso acolhedor. “É a primeira vez que você faz isso? Não se preocupe não, é tudo bem tranquilo aqui. No fundo, não é nada mais que uma sessão de oração.” Mal sabia ele que, ao invés de me acalmar, isso apenas me deixou ligeiramente mais apreensivo. “É só observar a gente e acompanhar na medida do possível. Se você fizer alguma coisa fora do roteiro, não ligue. Todo mundo já passou por isso.”

“E quem sabe, o desvio pode ser o resultado de forças superiores, dirigindo o ritual de formas que mal podemos prever.” Orígenes voltara ao centro da área onde antes estiveram os assentos, com diversas velas e outros objetos nas mãos. “Claro, você ainda precisa aprender muito, mas garanto que também temos muito o que aprender com você.” Ele começou a riscar um círculo no chão com uma espécie de pedra. Reparei, somente depois que ele começou, que ele estava traçando sobre uma linha apagada mas ainda perceptível, provavelmente resquício de rituais anteriores.

Comecei a folhear novamente o livro sobre alquimia enquanto Oscar se trocava e Orígenes traçava linhas e símbolos no círculo; entretanto, logo chegou Suzana, que me olhou de cima a baixo. “Abençoado seja,” disse em tom jocoso.

“Abençoada seja,” retribuí, sendo logo acompanhado pelos outros. Esforcei-me para não olhar diretamente enquanto ela trocava de roupa (não que ela fosse do tipo que desperta os instintos mais primitivos, mas ainda assim, valia ser educado); ela, por seu lado, não fazia a menor questão de esconder seu corpo, mas pelo contrário, tinha algo de provocante em seu jeito de se despir. Oscar conversava animadamente com ela, aparentemente sobre algum tipo de fofoca, e seu mentor prosseguia pacientemente em seu trabalho, colocando velas e incensos em um grande e elaborado pentagrama.

Os outros membros do grupo não tardaram a chegar (primeiro Lúcio e Naiara, e por último Bessa), transformando aquele vestuário improvisado em uma roda de conversa, na qual me senti impelido a entrar. Não foi difícil participar, pois eu era o tema principal da discussão – o que eu fazia, qual era minha formação, se já havia participado de algum “coven” ou outro tipo de círculo de ocultismo. Deixei claro que, até o momento, meu conhecimento do assunto era apenas teórico – sem mencionar, claro, que jamais acreditei que houvesse qualquer coisa de real nisso. Notei que Lúcio olhava avidamente para mim e para Bessa (mas principalmente para mim) enquanto sua namorada se trocava; procurei, portanto, parecer completamente absorto na conversa enquanto isso ocorria.

Logo o assunto pendeu para a legitimidade da bruxaria moderna, se ela era algo inventado nos anos 60 ou não, e se isso realmente importava; este parecia ser um assunto delicado no grupo, a julgar pelos olhares e suspiros quando isso veio à baila. Felizmente, Orígenes interrompeu a discussão antes que ficasse acalorada demais, conclamando todos a tomar seus lugares no círculo, e apontando para mim um vértice

da figura. Seguindo a deixa dos outros, posicionei-me logo atrás de uma grande vela preta. Os outros membros, todos vestidos de preto (com exceção do líder), se posicionaram nos outros vértices da estrela de sete pontas desenhada no chão.

O sacerdote caminhou para o centro do círculo, portando uma adaga retorcida em suas mãos. Ele voltou-se para os quatro pontos cardeais, desenhando algo com a adaga no ar enquanto entoava palavras que não pude identificar, sendo acompanhado em seguida pelo restante dos cultistas. Fiz o possível para imitar o que diziam a partir da segunda vez. Quando terminou suas invocações nas quatro direções, repetiu o procedimento mais duas vezes, primeiro apontando a adaga para o alto, e depois tocando sua ponta no chão, no centro do círculo mágico. “Assim como acima, também abaixo”, disse, sendo ecoado em seguida por seus discípulos.

Ele voltou-se para mim. “Quem é este que apresenta-se à porta?”

Levei alguns segundos para entender o que ele queria dizer. “Renato Oliveira,” disse. “Estou aqui para me juntar a este círculo.”

“E quem fala por este suplicante?”

“Eu falo por ele,” Bessa disse. “Que sejam minhas suas transgressões, caso não venha a nós em perfeita confiança.” Havia um leve tom de contrariedade em sua voz.

“E o que buscas no conciliábulo, ó suplicante?”

Refleti por um momento. Isso parecia ser crucial para ganhar a aceitação deles. “Busco conhecimento. Busco sabedoria.” Olhei brevemente à minha volta, e adicionei: “Busco poder.”

“E juras que vens a nós puro de corpo e alma, em perfeito amor e perfeita confiança?”

“Juro. Perfeito amor e perfeita confiança.” Dessa vez, procurei imprimir o máximo de segurança em minha voz.

“Então atravessa a porta e entra no círculo sagrado.”

Passei por cima da vela, tomando cuidado para não queimar o manto, e me dirigi ao centro da mandala. Orígenes ergueu a adaga ao meu rosto e traçou uma figura no ar. Por um momento, tive receio de que ele fosse me espetar – felizmente, não foi o caso, e ainda consegui evitar piscar. Ele entoou outras palavras arcanas, sendo mais uma vez seguido pelo restante do grupo, e concluiu com: “Eu te saúdo, ó mago.”

“Eu te saúdo, ó mago,” repetiram os outros.

“Eu te saúdo, ó mestre,” disse eu. Logo em seguida me arrependi, pensando que achariam que eu estava levando na brincadeira, mas o sacerdote pareceu aprovar.

“*Eheie!*” bradou Orígenes. “*Haioth! Methraton!*” Ele invocou vários nomes, com os discípulos repetindo todos. Tentei repetir também, mas ele estendeu um dedo em direção a meus lábios. Após uma série destas palavras arcanas, ele gesticulou para que eu saísse do círculo, andando atrás de mim. Os outros apenas olharam, enquanto ele me direcionou lentamente para os fundos do recinto, sempre entoando. Quando ele me posicionou frente a uma porta e a abriu, o coro repentinamente parou.

“Mestre...” A voz era de Bessa. “Tem certeza que ele deve...”

“Tenho,” o mestre interrompeu-o. “Você questiona seu mestre?”

“Perfeito amor e perfeita confiança,” ele disse relutantemente, “mas... ele não está preparado...”

“A decisão não é sua. E tampouco minha. Este momento nos foi revelado, e é assim que ele deve ocorrer. Recomecem a invocação.”

Enquanto os membros do círculo entoavam os nomes, Orígenes voltou-se para mim. “Preste muita atenção, pois você não ouvirá isso novamente. Você deverá entrar por esta porta sozinho, e descer a escada. No fundo, você encontrará um círculo e um triângulo. Está me compreendendo?”

Acenei a cabeça avidamente. Não poderia falar nada, mesmo se quisesse.

“Ótimo,” ele prosseguiu. “Quando chegar lá, você deverá ficar no centro do círculo, de face para o triângulo. Não perturbe as inscrições, as velas, ou qualquer outro objeto... e, não importa o que aconteça, não saia de dentro do círculo de forma alguma. Está claro?” Fiz que sim com a cabeça. Ele continuou. “Sugiro que você se sente, em posição de lótus. Além de ser uma posição poderosa, também impede que você caia para fora.”

Engoli em seco, enquanto olhava para a escadaria escura além da porta. “E... o que eu vou encontrar lá?”

“Isso eu não posso dizer. Direi apenas que você deve prestar muita atenção, e tomar cuidado. Não confie em tudo o que ouvir... você não ouvirá mentiras, mas há muitas maneiras de se ferir com a verdade. Não se precipite, mas prossiga com cautela, pois o risco é grande. Você tem tudo a ganhar, e tudo a perder.”

“Mas...”

Ele cobriu minha boca com sua mão. “Tudo o que você realmente precisa saber está em seu coração. Estamos clamando por sua segurança. Agora vá.”

O sacerdote voltou para o círculo, onde juntou-se ao coro. Encarei a porta. *Ah, deixa disso, pensei. Tá com medo de quê? Não tem nada lá embaixo. Tá tudo na cabeça desses doidos.*

Respirei fundo, e passei pela porta. Mal podia ver os degraus sob meus pés, mas havia uma luz fraca vinda do fundo da escadaria que permitia que eu me orientasse. No final do lance de escadas, cheguei a um pequeno cômodo (provavelmente um porão ou despensa) totalmente despido de mobília. A única fonte de luz eram as velas espalhadas por diversos pontos do círculo arcano, que reconheci como sendo aquele desenhado na *Clavicula Salomonis*, com uma serpente amarela enrolada ao redor de uma série de hexagramas. Caminhei até o centro (um losango com as quatro letras do nome hebraico de Deus em seus vértices), e sentei no chão, de pernas cruzadas, voltado para o triângulo desenhado próximo a um dos cantos do aposento.

Fechei os olhos e respirei fundo mais uma vez. *Até que não é tão mau, pensei. Não sei do quê que eu tava com medo. É só passar um tempinho sentado aqui.* Sem saber ao certo o que esperavam que eu fizesse, resolvi fingir que estava meditando. “Auuuuuummmm,” entoei.

“Estava esperando por sua chegada.”

Dei um sobressalto. Lembrando-me das palavras de Orígenes, fiz um esforço para ficar parado. “Quem tá aí?”

“Sou aquele que você veio buscar.” A voz era tênue e distante, e parecia vir da minha frente.

“Q-quem é você?” Olhei nervosamente à minha volta. Além de mim, o porão continuava vazio. “O que você quer?”

“A verdadeira pergunta é... o que *você* quer?”

Ah, que se dane, pensei. *Tá no inferno, abraça o capeta... nesse caso, quase que literalmente.* “Eu quero... bem, o que você pode me oferecer?”

“Tudo o que você ousar pedir.”

“Tudo?” Ponderei por um momento. Essa era a hora de pôr à prova essa farsa toda. “Eu quero a Teoria de Tudo. A verdadeira. Aquela que unifica a quântica e a relatividade, e responde às questões insolúveis da física. Você pode me fornecer isso?”

A voz pareceu gargalhar. “Facilmente. Se você conseguir compreender este conhecimento, ele é seu. Isso é tudo?”

“Quê? Não é o bastante?” *Seja lá quem for que tá fazendo isso, acho que não entendeu o tamanho do pedido. Bem, vamos pagar pra ver.* “Sim... é tudo.”

“Muito bem. Olhe em meus olhos.”

“Mas eu não tô vendo nada...”

“Relaxe sua mente.”

Senti uma ponta de frustração. *O que será que eu tava esperando? Não vai aparecer nada.* Esperei um tempo, olhando para a vela à minha frente... até que um vulto começou a se formar das sombras. Dei um pulo, e a visão desapareceu.

“*Relaxe sua mente,*” a voz insistiu, após alguns momentos.

Endireitei-me no chão, fechei os olhos, e comecei a meditar novamente. Quando abri os olhos, a figura à minha frente voltou a gradualmente tomar forma. Seus contornos eram estranhos e difíceis de definir, mas minha atenção logo foi tomada por dois pontos brilhantes que contrastavam com o vulto sombrio. *Seus olhos.* Eles começaram pequenos e pálidos, mas sua luz foi ficando cada vez mais forte e mais concentrada, como duas singularidades cósmicas, crescendo, ofuscando o porão sombrio, engolindo o mundo à minha volta, seu fogo me consumindo, até que nada mais existisse.

Siga a série Linha de Mundo em: <http://linhademundo.wordpress.com>